

A força da oralidade

Por Paula Morato

Cantigas

Na beira do rio, elas cantam, cantam...
Cantam com as águas até as canelas,
e as águas cantam com elas.
Na beira do rio, elas cantam,
e as aves a observam,
seus vestidos molhados de água e suor
que tocam suas peles, seios e ventres...
Elas cantam cantigas de lavadeiras,
minha mãe também foi lavadeira
e cantava com outras mulheres.
As águas do rio as acompanham em suas melodias
e na transformação e construção de utopias...
As correntezas do rio lavam as pedras e as roupas
e os ventos levam os sons de suas vozes... velozes.
Elas cantam, cantam mais que os pássaros,
são cantigas da roça, das mulheres, das mães.
Elas cuidam das lavouras,
da casa e dos animais... dos filhos...
Cuidam... Cantam... Cuidam... Labutam... Cantam...
E as noites,
ainda têm que ser mulher.

[Marli de Fátima Aguiar (1969-), *Tecendo memórias e histórias*, 2016.]



Meu pai conta que quando pequeno, lá na década de cinquenta, sessenta, eram poucas as escolas nas zonas rurais do sertão pernambucano. Ali, a missa de domingo tinha um papel essencial para que as pessoas sentissem motivação em aprender a ler.

Para não fazer feio durante a missa, muitos adolescentes e jovens adultos, após o duro trabalho da roça, reuniam-se na casa da professora da região para aprender a ler e escrever. É importante lembrar que, naquela época, televisão era artigo de luxo até nos grandes centros. O grande entretenimento semanal era a celebração dominical, onde todos podiam desfilar suas melhores vestimentas e, de quebra, mostrar que a bíblia não era só enfeite.

O conhecimento das letras também servia para entender o mundo pós-guerra. Os jornais trazidos pelo trem todos os dias da capital pernambucana. Circulavam por muitas mãos até que viesse o novo exemplar no outro dia.

Esses relatos do meu pai mostram como as regiões mais afastadas dependiam de iniciativas individuais para que o conhecimento letrado chegasse. Mas havia um outro conhecimento que circulava durante as fogueiras noturnas, que serviam como lazer para as pessoas sofridas pelo desgaste do trabalho no campo, pelas secas prolongadas e todas as mazelas sociais. Esse conhecimento é aquele que provém da oralidade.

As histórias orais muitas vezes versadas ou cantadas passavam de pai para filho. As avós faziam essa ponte entre as gerações e, não é raro ouvir relatos contando como essas representantes femininas foram responsáveis pela transmissão cultural nessas regiões.

O poema Cantigas traz essa ressignificação do trabalho, da oralidade, da responsabilidade e coloca como protagonista a mulher que lava, canta e cuida. Trabalha, versa e cria pessoas que criarão outras pessoas. As mulheres que lavam de dia e à noite precisam ser mulheres. As mulheres que nunca descansam e ainda por cima cantam.

É essa força que sempre compôs a oralidade, muitas vezes desconsiderada pelos representantes letrados da nossa sociedade. É preciso documentar essa oralidade. É preciso destacar esse conhecimento que vem das lavadeiras, dos roceiros, do trabalho invisível da sociedade. Por isso, é preciso que outras



peças, como as do relato do meu pai, tenham ferramentas para ensinar os indivíduos a contar essas histórias, a espalhar esse conhecimento popular. Só assim as cantigas poderão sair do rio e ganhar o mundo.

